

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Teixeira Gomes and C.º, presidente da república?

Um dos candidatos à cheifa da nação — Seus antecedentes e padrinhos — Os seus actos para Sidonio Paes — Os males do país em honra dum partido — Tomates, figos e representação — Um plutocrata a mais em Portugal

Ao que parece, dada a desistencia do senhor Afonso Costa, que prefere o pão bancario do exilio, os saques sôbre o tesouro e a vida garantida à presidencia da república, o partido democratico tornou seu candidato o senhor Teixeira Gomes.

Manuel Teixeira Gomes é o auctor do *Agosto Azul*, afilhado do Calhariz e negociou em figos e tomates do Algarve mal se instalou em Londres, onde tambem é ministro português. Será necessario explicar, após esta digressão pelos productos algarvios, que o *Agosto Azul* é um livro e não uma marca de tinta e o Calhariz o partido do senhor Camacho — que inventou o diplomata — e não o meu amigo conde daquele titulo, o Antonio Palmela, que do futuro chefe de estado talvez tenha conhecimento apenas pelos tempêros e gulodices comidos quando dalguma das suas estadas em Londres. Julgo mesmo que em Richmond, na mesa do rei exilado, os preferem, o que pôde ainda, um dia, servir para uma concessão ao senhor Teixeira Gomes de Fornecedor da Casa Real.

Eis o homem e seus empregos. Emquanto à fisionomia apresenta a de um individuo carrancudo e de barba espigada que quer parecer à Guise mas, na realidade, apenas é crescida como em homenagem ao seu patrono, o senhor Brito Camacho. Houve um tempo em que no unionismo ninguem se escanhoava mais duma vez por semana. Os homens da república, segundo se apura, não desdenham tambem do cortezanismo. Consta que Luis XIII sofreu uma grave entorse ao apear-se do cavalo, e no dia seguinte toda a gente claudicava nas ante-

camaras o que atrazava o serviço. Pois no camachismo os filiados desesperaram os barbeiros e a ponto de não haver nenhum—apesar da abundancia de sustentaculos do regimen nesta classe—matriculado no ex-intelectualismo.

Camacho era, para eles, o inimigo. Em questão de barba o ministro em Londres ficou sempre fiel aos habitos do chefe e em obediencia tambem, o que lhe garante—pelo consenso dos dois partidos—um logar em Belem. Pela primeira vez estão de acôrdo os da Bica com os da Agua Flôr. Isto causará actualmente a sensação que outrora despertava o saber-se que a purria da Fonte Santa fizera as pazes com a da Horta Navia. Abriam-se nas tabernas, da orla do caneiro de Alcantara, cascos e odres em vez de cabeças e barrigas. Aquilo, porém, durava pouco. A desordem seguia os seus habitos e os fundibularios desunhavam-se em continuação de velhas rixas.

Para mim já não ha duvidas de que, dentro em meses, o senhor Teixeira Gomes entrará na historia se acaso não estalar antes a revolução dos explorados a qual lateja ante a carestia da vida e as fortunas acumuladas pelos farinheiros. O partido democratico, junto com o nacionalista, quer muito ao diplomata improvisado que soube mostrar-se em Londres contra a nação ás ordens dos conspiradores, no tempo de Sidonio Paes.

E' preciso saber-se tambem que a alma mais jacobina que existe—tão relintamente vermelha como se fôsse purpurada nos panelões da Brazileira do Rocio e amassada com as polpas solaneas algarvias—é a dum homem que atirado de choïre, de Ferragudo ou da Ameixoeira Grande para Londres, despedido do anonimato para se tornar ministro numa grande capital, a todo o transe quer defender a pompa da farda sem deixar o seu negocio.

Assim o senhor Teixeira Gomes and C.^o, ao mesmo tempo que traficava na City os seus generos usava a prerogativa a que só os reis ingleses teem o direito: a duma proclamação ao povo inglês.

Parece que os monarchicos incursionavam e ele não hesitou. Arvorou-se em rei de Inglaterra e dirigiu-se aos britanicos com tanto exito como o do senhor Bernardino Machado ao escrever a sua celebre carta a Lloyd George. Ao começo, o temperamento comercial dos aliados exultou. Como o inglês em que o manifesto estava escrito era do tom do portuguez usado pelos subditos de sua Graciosa Magestade aí pelo Cais do Sodré, imaginaram que Teixeira Gomes and C.^o lhes anunciava os figos mais em conta, a alfarroba ao alcance da dentuça esverdinhada de todas as orças e os tomates com uma baixa apreciavel. Quando traduziram o que proclamava soltaram os seus retumbantes *schoking!* e se não fôsse uma redução dos preços, feita de corrida, teria perigado o seu commercio dos generos algarvios.

Mais tarde, quando da revolução de 5 de dezembro, o ministro já não gastou o dinheiro da legação em papeis. Desacreditou o país doutra maneira: falando.

Vinham os jornalistas perguntar-lhe o que se passara; êle que recebera as notas do governo claras, iniludiveis, explicativas da vitória sôbre a demagogia dizia ser tudo contrario à nação; dava a entender que não se mandaria mais ninguem para a guerra e como os ingleses queriam os nossos soldados para esgarçar as suas trincheiras e fazer os seus fretes, aquelas declarações de Teixeira Gomes and C.^o causavam

alarme na praça porque a Inglaterra não passa dum grande mercado onde os escravos destinados á venda—os bravos irlandeses—dão, de quando em quando, a nota da existencia de almas rebeldes, o que muito admira os senhores. A Irlanda é como uma ave azul depenada por carvoeiros.

Esquecido da sua nacionalidade, o ministro de Portugal levantou contra o país, no primeiro tempo da revolta vencedora, a má vontade dos britânicos; em Paris, o senhor João Chagas fez o mesmo indispondo contra a patria os franceses. Sidonio Paes, não podendo chamar a Lisboa, este que se dimilira, num rasgo, mandou vir aquele que não tivera a coragem de se despojar do cargo.

Lembra-me imenso um outro algarvio que a monarquia deixara na carreira em Londres, como secretario, desde o tempo do marquez de Soveral e que sendo, naquela época, muito sobrinho de Ferreira de Almeida, mal a república triunfou passou a ser, muitissimo mais ainda, primo do senhor Magalhães Lima.

Teixeira Gomes instalou-se no Avenida Palace, e ali conversou com Sidonio Paes. Este mostrou-lhe a sua má fé, exproboou-lhe a sua obediencia a Brito Camacho que—vendo a revolução nas mãos alheias—lhe ordenara aquele passo. No fim, o vencedor prendeu-o nos seus aposentos, em vez de o mandar para uma fortaleza como traidor ás vontades da nação.

Estavamos em guerra com o estrangeiro e liquidava-mos uma questão interna; o primeiro cuidado dos nossos representantes devia ser o de, diante dos govêrnos, junto dos quais se acreditavam, fazer a apologia do que se passava, não desmerecer, por politica, nos homens cujo golpe tivera as mais honestas intenções. Não succedeu assim. O diplomata, perante os ingleses, pretendeu gerar o descrédito. Era contra a patria, sendo o adversario do que ela, delirantemente, aceitara, louvara, aclamara.

Bem sei que para os homens dos partidos é esse o seu maior valor porque se mostrou a seu lado contra a libertação. Ao assassino de Sidonio Paes pagaram-lhe, dando-lhe a fuga, sustentando-o, acarinhando-o; a este entregam-lhe a chefia da nação onde o outro passeia livremente.

Funcionario rebelde do 5 de dezembro, agachou-se no 19 de outubro para vender os figos lampos e não perder o lugar. Daí o agradecimento dos que só vêem crimes quando a república escorraça os assassinos, daí a glorificação consagrada ao ministro em Londres.

Os partidos, porém, se teêm no Congresso—eleito pela plutocracia, pela Moagem e pelos Bancos, em grande parte—vozes para eleger o senhor Teixeira Gomes não possuem prestigio para o tornar simpatico, nem fôrça para o agüentar.

Celibatario não amenisará os seus maus actos, tendo a seu lado a gentileza duma senhora que, quasi sempre, exerce a influencia do seu trato e da sua figura sôbre os indiferentes e até sôbre os adversarios; apontado como um dos inimigos pessoais de Sidonio não receberá o aplauso das mulheres; homem de negocio irritará o povo que julga, presidente politico, será um motivo de desordem das ruas e viverá numa saudade cada vez que atravez das janelas do palácio, lhe chegar a voz cantarolada duma vendedeira no seu pregão de: «Quem quer figos quem quer almoçar!»

Todo o seu campo algarvio de amendoeiras estreladas e de figueiras lustrosas, de má sombra, lhe passará na retina e um involuntario estre-

meamento o electrizará ao lembrar-se que nem nele encontraria refugio se a revolução viesse desalojá-lo desse paço fatidico para os presidentes da república.

Ah! e a revolta virá, inclemente, feroz, forte e vingadora, deilagra-se-ha, mais dia menos dia, diante dos plutocratas que tornam impossivel a vida.

Mais sabedor do que eu no assunto deve ser o eterno conspirador Antonio Maria da Silva, que o disse no Parlamento, na sua qualidade de chefe do govêrno:

«A continuar esta política de se querer eliminar ministros das finanças para que as coisas se não façam, então o povo terá o direito de ir para a rebelião!»

Diz isto, lança-se contra os burguezes da finança e, no fim, o seu partido o que traz para a chefia da nação?

Luis XVIII declarava, ao subir ao trono de onde a revolução arredara a sua dinastia que, regressando do exilio, só havia um francês a mais em França. Com Teixeira Gomes o que haverá? Um plutocrata a mais! Teixeira Gomes and C.^o, negociante de generos algarvios.

Num berro formidavel, pouco parlamentarmente, o presidente do conselho acrescentou tambem:

«Não pode ser o país estar sujeito à corja—é deste modo que sua ex.^a, fala segundo o extracto parlamentar do Mundo—que lá fóra se opõe a todas as tentativas feitas pelo govêrno para melhora pública.»

Foi assim que praticou no tempo de Sidonio Pais, o descredito da patria o homem que querem colocar na sua suprema magistratura, sendo ele capaz de lhe chamar um figo.

Se assim fôr, grande negocio se abrirá para Teixeira Gomes and C., presidente da feitoria e da república.

Os mutilados de guerra e os seus mutiladores

O automovel do vencedor — A mulêta do vencido — Os velhos soldados e os seus admiradores — A situação do alferes Barnabé — Como se tratam os heróis da França — Quem quer ir para a guerra ?

Eh! homem, você não ouve?! Andam tontos!... Era bem feito que ficasse debaixo do carro!

Na Avenida, onde as olaias já baêtam os troncos de botões, o automovel estacou; depois num ruído maior, largou de novo, com o seu rastro da descarga, troteando. O proprietario que soltara o grito, puzera o charuto na bôca, e partira ante o olhar do interpelado, numa mirada triste, decadente, despegada da vida. Vestia uma farda de cotim e coxeava; estivera uns momentos calado e acabara a abanar lentamente a cabeça. Depois, sumiu-se na esquina do Condes, claudicante e dobrado, enquanto eu, que lêra o discurso de José Pontes ácêrca da miseria dos mutilados de guerra, vi naquele mais um dos que fôra a França bater-se e arruinar-se para o antigo pobretana, hoje dono daquele automovel — adquirido com lucros ilicitos durante a hecatombe — que esgarçava o gesto de novamente o mutilar. Quando eu quis intervir, era tarde.

O mundo dividiu-se em mutilados e mutiladores depois desse cataclismo e Portugal levou a todos os outros povos a primasia. Essa guerra, para a qual atiraram a mocidade mais valiosa do país, foi uma obra do demonio que serviu os gananciosos como aquele que outrora vivia por detraz do seu balcão, modesto, pensando no futuro e, de chofre foi lançado, com a cumplicidade de um político, seu freguês, a crédito, para os balanços do automovel e para o luxo dos charutos. O outro, o que êle ia esmagando, pobre destroço à vista de tão pomposo personagem, era um dos irresponsaveis autores da sua fortuna.

Dir-se-ha ter acontecido sempre o mesmo. Embora, mas eu não o vi, não o senti, não estava no mundo para o documentar. De resto ainda me lembro do tempo em que o padrinho da minha mãe — o senhor Joaquim Granadeiro — me levava pela mão entre os respeitos dos recrutas e os sorrisos dôces do povo. Era um soldado raso; nas suas mangas, em vez de divisas, estiravam-se umas oito listas brancas.

Servira quarenta anos no exercito; escapara ao fusilamento dos rebeldes do 16, no tempo de D. Miguel, fugira com as tropas do movimento do Porto para a Galiza, passara fome nos barracões de Plymouth, embarcara para a Terceira, fôra um dos rapazes do Mindelo, porque nesse tempo contava apenas vinte e cinco anos, recebera a Torre e Espada no Alto do Viso, ouvira a voz do imperador e adorara-o. Saldanha, quando passava no Rio Sêco e o via no amanho da sua courela, dizia-lhe de dentro da sege:

— Eh! Granadeiro! Então como vai a vida?

Tremulo, cheio de prazer, o padrinho da minha mãe, falava ao senhor marechal sempre comovidamente. Nos olhinhos claros brilhava-lhe uma faúlha; depois vergava-se para a terra e continuava a labuta.

Isto contam os meus, porque eu nasci depois da morte do grande soldado de quem o velho dizia sempre: áquele bastava-lhe fazer uma carantonha para levar a tropa!

Houve tambem muita gente que enriqueceu à custa do esforço deste militar, os generais, feitos titulares, como os do imperio, receberam proventos; Palmela, Saldanha, Terceira, recolheram, à ingleza, cem contos de réis cada um por seus serviços, os fornecedores do exercito, os polticos, os magnates foram possiveis, com os contratadores dos tabacos e os grandes comerciantes constitucionais porque o granadeiro e outros soldados se bateram. O marquês de Thomar enriqueceu à sua sombra, José Maria Eugenio e São Romão opulentaram-se porque os tais camaradas existiram. Mas nenhum desses militares, estadistas, negociantes, lavradores, jamais deixou de olhar com orgulho aquela carne de batalha nem de a saudar quando passava no 24 de julho com as suas divisas de honra, as suas medalhas, as suas mutilações. Eram os veteranos da liberdade e chorava-se diante deles. Tinham o soldo, alguns cultivavam as suas geiras; o senhor Granadeiro além disso, trazia de renda uma pedreira nos Fornos de El-Rei. Hirto, grave, com a Torre e Espada ao peito, arrimado a uma bengala, os braços listados de branco, êle passava e as sentinelas faziam a continência à condecoração; officiais moços saudavam-no e eu, envaidecia-me, aos quatro anos, no contacto humilde daquele soldado bom.

Agora os que enriqueceram pela acção dos militares que se sacrificaram em França, não por uma ideia mas por um interesse de alguns homens, viram-lhes as costas quando não os atropelam.

Fornecedores de viveres, de conservas, de vinhos, de gorduras, todos mandavam os seus generos desfalcados ou falsificados.

Aquilo ia lá para longe, para essa turba anonima que estava nas trincheiras prestes a largar a pele. Que importava que morresse envenenada ou do estilhaço de uma granada alemã?

Os que vendiam as mantas, as barracas de campanha, os capotes — como os que em viveres negociavam — não eram mais honestos.

De resto encontravam sempre apoio em ministros; alardeavam amizades com êles, gabavam-se de dar aneis ás senhoras dos politicos, de oferecer jantares dos restaurants elegantes onde apareciam assombrando os creados pelos seus modos, pelos seus ares, pelos seus berros.

Nasceu do sangue derramado naqueles campos distantes o novo rico e nos livros dos cemiterios cada morto equivale a uma quantia forte noutros cartapacios: nos *Caixas*.

Nunca se procurou a origem de varias fortunas; nunca se inquiriu

porque anda de automovel um antigo marçano, um serralheiro ordinario ou um capelista. Nem um só desses homens foi para a guerra; a nenhum se pediu um imposto para os que geraram as origens das suas fortunas, para aqueles cujos passos hesitantes lhes embaraçam a marcha dos carros de luxo.

Eu, ás vezes, ponho-me a deitar as contas aos que por lá ficaram e que são uns quatro mil, ainda assim, equivalentes a vinte oito mil litros de sangue.

Se fosse possível reunir esse liquido de sacrificio, um grande lago se formaria mas ainda assim não chegaria para afogar todos os que, à custa, dele, arranjaram fortunas superiores a duzentos contos. Sabe-se-lhes dos nomes e dos negocios, indicam-se até políticos que os auxiliaram, e no entanto, ouve-se no Senado português, o José Pontes clamar e vê-se na Avenida um dos enriquecidos insultar um soldado, diante da indiferença dos passeantes, da tristeza do destroço humano e da minha colera a despejar-se contra esse automovel fugitivo levando dentro um gordanchudo de charuto e descarregando os seus estampidos irritantes como gazes de um intestino malcreado, desdenhoso e insultador.

— «O alferes Barnabé — exclamou o senador — está tuberculoso e a repartição da guerra nega-lhe a inspeção sanitaria dizendo que não tem nada com a sua tísica, mas apenas com o seu braço mutilado».

— Quem é este alferes Barnabé?! Para o Terreiro do Paço um numero a mais na lista dos invalidos; para a historia militar um nome a recolher. Foi para a guerra em primeiro cabo e, pela sua bravura, recebeu as divisas de primeiro sargento enquanto muitos dos que lhe negam assistencia viviam regaladamente em Lisboa nos negocios com os argentarios, estavam na base em França, acochados, bebendo e comendo ou, como o actual ministro da guerra, traziam do quartel general para Paris as cartas e os documentos necessarios para a salvação do exercito.

Ninguem lhe pediu contas nem o puniu. Pertencia a um partido, a uma grei, como os outros, os da negociata, logo se filiaram nos grupos politicos sobretudo no democratico, no de comida mais forte e de justiça mais afunilada.

— Rapaz, traze champagne! Á sua saude, meu caro ministro!

Tilintavam as taças enquanto nas terras alagadas do país extranho os portugueses, arrancados aos trabalhos do campo, iam enfraquecendo, depauperando-se, exgotando as forças. Mas que tinha isso?

Êles proprios se tinham definido, quando os encurralavam a bordo dos barcos e atiravam as latas do rancho diante do presidente da república, Bernardino Machado, o qual, de sorriso nos labios, ia vêr a soldadêsca que lhe devia render continencias e lhe enviava clamores:

— Cá vai o gado para o matadouro!

Que era aquilo mais do que um bando de rezes; esse vozear mais do que um vasto mugido abafado pelas sereias de bordo?!

O senador ia continuando a expôr a miseria dos mutilados: andam por aí caíndo de doença e de fome; dão-lhes o abandono, dão-lhes a ingratidão. Êles, coitados, já não podem resistir, rebelar-se. São fantasmas, mas são tambem um exemplo para os que de futuro queiram enviar a nova guerra afim de encherem os cofres dos improvisados comerciantes que lhes beberam o sangue por taças da Garrett e do Avenida Palace.

Nessa hora — mocidade portuguesa — à voz de marche, é no Terreiro do Paço que se deve parar formando um pelotão diante de cada

ministerio, de armas bem seguras à espera das ordens do destino. Ali proximo, naquelas casas altas, de grandes taboetas vivem e negociam os cúmplices dos dirigentes. Lá em cima, pelas Avenidas, passam os predecessores dos que se empurraram para a lucta, os mutilados, como sombras a mostrar no que se tornarão todos os obedientes, todos os escravos, a carne de sacrificio.

E sabem em quê? Num egual ao farrapo que eu vi passar sob o grito do explorador:

— Eh! homem, você não vê? Andam tontos! Era bem feito que ficasse debaixo do carro!

Como o Senhor dos Passos da Graça viu Lisboa na Semana Santa

A noite do Crucificado — Os misterios de Lisboa moderna — Ao que Cristo assistiu da sua riba — A tarde do Templo — As preces e as ambições — O dealbar de Sexta-feira Maior

O Senhor Jesus da Graça vive, ha doze anos, muito aborrecido no seu sumptuoso templo. Desde que não vem atravessar Lisboa a caminho, de S. Roque, parece ter perdido o contacto com a cidade genuflexente outr'ora á sua passagem.

Na sua escarpa secular, com a capital aos pés, ele minguando as suas dôres de recluso pela vontade dos homens, deve ter meditado muito sob o pesado fardo da sua triste cruz, e, então, n'essa quinta-feira santa, do seu doloroso martirio, Jesus, como ha 1923 anos, quiz tocar na terra, com os pés tão beijados após a sua divinisação. Safu docemente do altar e do templo e viu Lisboa nas luzes e no ruido no avanço da noite de Endoenças.

Lá ao longe, os cómoros de Campolide, gargantilhados de pontos luminosos, fronteiravam a escarpa das avenidas, onde os lócos electricos se intensificavam, dedalos de ruas, amontoadas nas baixas, eram atravessadas em rapidas corridas de carros cercados de claridades; como um brazeiro forte, ressaíndo duma treva, a cupula do Coliseu flamava e para baixo, nos lados do Tejo estrelado, aqui e ali, duma luzita vermelha, amarela ou azul, no lento deslizar dos barcos, alargava-se um âmbito negro: o Terreiro do Paço. Para além era o rez d'agua encandieirado, Barreiro, Alcochete, um borrão ao largo e sempre nos contrastes brilhantes de Lisboa, encavalitada de predios, tocada de lampejos de electricidade ou pardacenta de recantos sombrios, deixando entrever os interiores com suas lampadas abàjuradas de encarnado, de vivazes tons. A capital exhalava um ruido de marulho cortado por sereias de automoveis como berros alarmantes rasgando uma toada soturna.

Os olhos de Jesus viram primeiro a cidade, depois os seus detalhes; pousaram-se nos edificios, prisões, hospitaes, escolas e depararam, brutalmente chapada de fulgores, a Penitenciaria; no vacilamento de luzes — luzes, S. José, negras as Faculdades, as casas da sciencia que deviam estar abertas á noite, refulgentes, scintilantes como a propria Sapiencia e destinadas aos filhos dos pobres.

O Senhor dos Passos tomou como sintese tanto brilho no mal e tanta escuridão para as almas, e, encostando-se á alta muralha do môro, profundando mais a terra, sob a concha vasta dos extensos ceus, pensou largamente nos homens, nos habitantes dessa Lisboa que noutra epoca, curvada e reverente, o via passar, no seu andor, cercado de flores, conduzido pelos fidalgos, honrado em continencias pela tropa e com o Marques das Barbas, o carbonario, conduzindo o pendão, oscilante ao vento, sob os olhos negros das lisboetasinhas ajoelhadas, e no qual resalam as letras de velho dominio: S. P. Q. R., as da saudação aos romanos e as da calúnia tambem: Senhor Passos quer Republica. Foi decerto assim que o Marques se defendeu na Maçonaria por ter andado tanto tempo com aquele estandarte nas mãos, mas Deus era testemunha que ele — e até nem mesmo o das Barbas — jamais pensara em tal.

Admirado estava Jesus do que via, ao cabo desses doze anos da sua clausura, dos novos habitos da capital, dos rostos glabros dos homens outr'ora barbados, das modas quasi impudicas das mulheres, e, sobretudo, das scenas singulares a que assistia, de pé, sobre o seu oiteiro, sereno, todavia, como quando o Demonio o levava ao cume da Montanha da Tentação.

Ante o que se lhe deparava sentiu terem-se agravado os males do mundo lisboeta, as suas pupilas penetravam as paredes e ele, arrastado por um tilintar de chapas metalicas, via — admiravelmente via como se lá estivesse — muita gente em volta de mesas largas, de olhos acêsos, cupidos, dedos esclavinados, sorrisos contrafeitos nos labios palidos, emquanto a seu lado, fêmeas pintadas se debruçavam atentas, gulosas, ás cartas, ás bolas, aos dados que caíam nos panos esmeraldinos como prados onde rebolessem os vicios, todos eles, de mistura saídos de mãos infernais. Bem os via, lá estavam: a avaresa e a libertinagem, a ganancia e a colera, a luxuria e a preguiça, a soberba e a gula, o roubo e o assassinio luzindo, espargindo-se, contaminando.

Ele já encontrara fisionomias assim, embora em gentes menos bem trajadas, decerto nalgumas das suas descidas pela terra, em qualquer viela sombria, de lasquenetes, bebedos, ou de salteadores orgiacos. Ah! Não! Jesus lembrava-se agora. Fôra ha mil novecentos e vinte e tres anos, aos pés da sua cruz no Calvario; os soldados de Roma jogavam a sua tunica e nos olhos deles as mesmas cruezas, odios e más ideias germinavam. Não passavam, todavia, de marciais tropeiros habituados ao sangue, aqueles jogadores luribundos. Depois, isso succedera havia muitos seculos e numa tribu da Judeia conquistada. Ali, naquele *club* elegante, eram militares tambem, mas dalta patente, os parceiros; eram guarda-livros aos quais se confiavam fortunas, pais de familia, cujas esposas os aguardavam, juizes, os que deviam sentenciar, doutores da lei, e muito amarelo, a barba espigada, com a volta vermelha desbotada, bexigoso, e de olhos, um ser bezuntão que lhe pareceu conego. E ele, o doce Jesus, compreendeu tudo, pôz-se a vêr o resultado desse revoltar. O sangue que corria todos os dias, os roubos constantes, as mulheres que se vendiam, as creanças que ensaiavam sorrisos lubricos, aquelas lutas das ruas, com canhões rolando, os politicos debatendo-se, berrando por libras, os banqueiros atulhando os seus cofres, o povo sem moral, querendo escalar o mundo, as carnificinas, as baixesas, tudo o Nazareno, teve ante a sua vista naquela noite da sua contemplação,

Velhos de ares graves arrastavam pequenitas, mostrando-lhe notas,

levavam-nas para leitos ricos em palacios soberbos; jovens mergulhavam as mãos nas caixas fortes e riam dos que ficavam roubados, os quais, por sua vez, assaltavam a turba com o apoio dos dirigentes, ajoelhados, de rastos, na lama, tudo por punhados de dinheiro. Toda a sociedade portugueza parecia presa da mesma endemia. O respeito morrera, o escrupulo acabara, mulheres velhas, de saias curtas, sarocoteavam-se mostrando as pernas e expondo as filhas; nos segredos das alcovas davam-se incestos e nas ruas em nome da Justiça, fusilavam se justos.

Ele, o bom Jesus, já assistira a um espectáculo assim e recordava-se bem. Fôra na epoca putrida, anterior á revolução franceza, quando os financeiros delapidavam, os intendentes roubavam, os fornecedores enriqueciam e compravam tudo, os soldados desmoralizados odiavam os officiaes, as meretrizes subiam ao carro do Estado e o povoleu insultava os despojos regios de Luiz XV a caminho de Saint-Denis.

E depois . . . Com outros trajos, com outros rostos, mas com eguais fúrias, o Homem Deus lembrava-se bem, viera a hecatombe e a vingança; os que tripudiavam dançando sobre um vulcão, acabavam nos incendios, na guilhotina, inundando de sangue as ruas e a Historia.

Jesus, docemente, olhou Lisboa. Vinha dealbando num vago listrado vermelho e o Senhor sumiu-se no templo.

* * *

Na fila negra os visitantes vinham entrando no templo; seguiam, vagarosos, os homens de negro, de calças vincadas, com ares compungidos, as mulheres em trajos de luto, elegantes e futeis no que se queria tornar lugubre.

Subiam trescalando cheiros confusos de suor e de essencias, as maletas cheias de *bonbons*, nos olhos lusia alguma cousa de misterioso, raparigas e matronas no ajuntamento perturbavam-se e os do outro sexo cubiçavam-nas núas na casa de Deus, naquela quinta-feira de luzes mortificas, entenebrecido o Templo onde Jesus assistia.

Chegavam-se ao altar e ajoelhavam, os labios moviam-se e depois, num frufurar de sedas, num tilintar de pulseiras, num rangido de sapatos de verniz, elas iam-se de ar mais calmo, eles, um pouco meditativos.

Havia alminhas ingenuas de inocentes creanças, labiositos rosados de meninas que pediam ao Senhor os ternos consolos das suas vidas, das suas aspirações: a saude do papá, uma boneca grande, as melhoras da mamã, um noivosinho que adivinhavam, a certeza de que ele as amava, um lindo vestido de seda branca bem ornado de flôres de laranjeira, egual a um que a *Femina* publicava. Tambem se solicitavam joias e chapeus modelos, as boas noticias dos ausentes e que não sofressem muito no dentista. Ia longe a epoca em que os labios pediam ao Ceu por todos os pecadores, pelos maus, afim de serem redimidos, pelos pobres, pelos humildes, pelos que andavam sobre as aguas do tormentoso mar.

O Senhor dos Passos, que vira na véspera Lisboa da sua escarpa, ouvia-a, agora, ali rastejante e supersticiosa, mais do que beata e cren-te, suplice e interesseira a deixar cair notas na sua bandeja de prata como se quizesse corromper o unico Incorruptivel do mundo.

Chegavam numa freima e num açodamento e, naquela atmosfera de incenso, de perfumes, de suores e de exalações de todas as especies, subiam como borboletas criadas, e como moscardos negros, como abelhas

fulgentes e como besouros zumbidores as preces, os desejos, as ambições de cada um. E Cristo reconhecia os seus seres da noite, via-os aparecer de negro e com ares de quem resava.

Muitas delas, confiando-se, ignorando que a pureza ali vinha também pedir ao crucificado as ingenuas coisinhas que os doces corações acalentam, essas mariposas coloridas de ternura, deixavam alar revoltantes as suas varejeiras: que o amante lhe pagasse a conta da modista, que o marido ganhasse na roleta, a morte da Zézinha—a odiada rival, tão loira e tão formosa—, um colar de perolas e boa colheita na quinta para a salvar da hipoteca; delicioso seria também um beijo na sua boca pintada, dado incestuosamente pelo noivo da filha ou da irmã e que as bexigas negrais devastassem as que fossem mais lindas do que ela. Não pediam punhais nem venenos, as resadoras.

Scintilantes promessas de boa fé faziam os rapazes, ansiosos de bem servir na vida as grandes ansiedades dos seus sonhos; deixavam voejar as suas abelhinhas loiras para junto das flores dos altares e logo, como irritantes corpos negros e besourantes, outras orações subiam: banqueiros desejando largos lucros no meios dos quaes podessem arrecadar mais dinheiro, herdeiros ambicionando a morte dos pais, das mães, dos parentes, militares pedindo uma epidemia sobre os superiores, políticos querendo fuziladas para os que não lhes acatassem as leis infames, moageiros oferecendo tudo pelo maior lucro e todos, de joelhos, batendo nos peitos, pleiteavam, lançando as notas nas bandejas de prata, á luz dos tocheiros, pelo seu interesse, pelo seu bem estar, pela sua fortuna, ardentemente, rangendo os dentes, sibilando a prece pela derrota dos contrários, e sonhando palacios, automoveis, cofres prenhes de oiro, virgens para os seus regalos, a abundancia para eles e fome para os outros, e—num cumulo—pobre e delicado Senhor dos Passos—Deus para si e o Diabo para o resto da humanidade.

Fechara-se o Templo, nessa noite de quinta-feira Santa, e, então, naquele adro de cera derretida, no fartum alentado, Jesus sentiu vergonha de ter alguns devotos que mais pareciam clientes pagãos. Os seus olhos formosos e bons inundaram-se de lagrimas ao pensar no duro castigo que deveria infligir a esta Lisboa bárbara, cruel, perversa. Amanhecia. O seu rosto arroxeara-se, sangravam as suas feridas reabertas, empalidecia a sua auréola.

Chegara sexta-feira, Jesus não a punia.

Tinham de ha muito emudecido os sinos. Reconhecera-os, ouvira-os e docemente, consoladamente, Jesus morreu.

Os homens que comem cães e os cães que comem homens

Uma bela entrevista do "Diário de Lisboa" — Como fala o senhor Afonso Costa — O passado de um homem de fortuna — A carne de canhão e a carne dos cães — Quando volta o chefe democrático? — Um conceito sobre o país

Joaquim Manso, jornalista sabedor do ofício, desentramelou, em Paris, a língua ao mais feliz dos portugueses e no seu excelente *Diário de Lisboa*, deixou uma pagina definidora da historia dum homem cínico e dum povo simples.

O senhor Afonso Costa — no seu luxuoso gabinete da rua do Helder, 8 — onde está como consultor do Banco Ultramarino — falou e concluiu:

— «*Confi-o absolutamente no nosso povo que trabalha como poucos e sabe sofrer como ninguém*».

Nesse mesmo dia o *Mundo* noticiava o seguinte: «*em Vila do Conde, um pobre guarda dos estaleiros de José da Silva Maia & C.^a, assoberbado pela dificuldade da vida, vinha, desde ha tempo, caçando cães e gatos, os quais depois eram cosinhados como ótimos piteus para sustentação da familia: mulher e cinco filhos. Confessou tudo com naturalidade, invocando para justificação do seu extranho expediente a fome a que se viu condenado com os seus exiguos recursos.*

«*Serão precisos comentarios?*» — interrogou o jornal republicano. São, sim senhor.

Aquele homem que devora a carne nauseabunda somos nós todos. É o país. O guarda dos estaleiros foi apenas o iniciador; o cão tornar-se-ha em Portugal um genero de primeira necessidade; o gato será açambarcado e ainda ouviremos falar de muita gente que enriqueceu negociando nessas carnes. Chegaremos a devorar ortigas, com um punhado de sal,

acabaremos na miseria negra, roendo destroços, cascas, restos. O desgraçado de Vila do Conde decidiu-se primeiro a semelhantes cosinhados.

Diante dele os filhos pedindo de comer — os cinco que é obrigado a sustentar —; fóra da sua choça vive a Guarda, bôa defensora da ordem e da propriedade. Ao longe, por essas cidades que ele adivinha, mais miseráveis lamintos chorando e debatendo-se, em frente das riquezas alheias e, atravessando as fronteiras, no país de França, pomposo e solene, no seu gabinete da rua do Helder, o senhor Afonso Costa, tratado a sessenta contos por ano, e feliz como um nababo, fresco com os seus cinquenta e dois anos, assevera a um jornalista «*confiar no nosso povo que trabalha como poucos e sofre como ninguém*». Descreveu, com um cinismo estranho, os outros, comoveu-se ao tratar de si conforme afirma o ilustre camarada Joaquim Manso: *crê no seu esforço — dele Afonso Costa — e nos benefícios da fortuna. Fala-nos dos seus filhos, dos seus triunfos escolares com verdadeira emoção de pai*.

Serão precisos comentários? São, sim senhor.

Para que o chefe da demagogia possa fumar os seus charutos, recostar-se nos «maples» da finança, beber o seu Sauterne ou o seu Chablis, frequentar a Opera, usar a Legião de Honra — a fita côr de sangue — foi preciso que em Portugal se chegasse ao extremo de haver um camponio, rodeado de filhos, que lhes dê a comer carne de cão por não poder comprar-lhes as viandas baixas que os mercadores de gados vendem para Espanha, nem ter um naco de pão para lhes acudir à fome.

Ele é o gosador, o da situação de privilegio, o dono, o que á nossa custa se elevou. Nós — os productores de toda a especie — somos os condenados a lidar para, roendo as tiras coiráceas ou as excrescencias dos veados, largamente lhe proporcionarmos, por varios modos, os *benefícios da fortuna*.

Foi sempre assim um homem de ganhar, um assaltante, um demolidor, para em nome das grandes palavras de Justiça, Liberdade, Bem do Povo, fazer a sua vida, o seu trafego, o seu negocio. Quando simples advogado, ao mesmo tempo que falava nos comicios contra os monopolios, defendia uma ignominia: a Companhia dos Phosphoros; rheticamente dizia amar o povo e vendia a sua palavra no fóro aos argentarios. Tinha, porém, medo, muito medo. Como todos os que desejam os *benefícios da fortuna*, queria viver muito para gosar o que lhe saíu da sua mentira, do seu dolo. Gritava contra os potentados e passeava-se de peliça dentro dum automovel magnifico entre as filas da canalha descoberta e cujo destino era o de comer cães em salmoira.

A sua voz enrouquecia ao insultar o rei; dizia que chamava a Portugal «a Piolheira», mas nessa epoca o pãosinho loiro e bom ia até ao

lar dos pobres e todos podiam fazer o seu caldinho sem recorrerem aos gatos dos telhados e aos cães de guarda.

Vencedora a república êle foi o seu Senhor e, então, traficou com a justiça, ganhou quanto quis, enriqueceu os afins, e calcando o país, quando mandava, tremendo quando o derrubavam, esse malefico ser de aventura e de sorte, continuou a tripudiar.

Cada passo que dava em seu proveito mais nos aproximava da ruína, da miseria, da carne de cão.

Ganhão sem escrupulos, vaidoso e soberbo de si, foi o fornecedor do maladouro das trincheiras para as rezas nacionais.

Já saldaram as contas com êle. A fita vermelha da sua botoeira é uma amostra do sangue dos nossos soldados oferecidos ao estrangeiro. Cavou a ruína da nação, gerou a derrocada, e trazendo ao peito a condecoração que Napoleão criou para os valentes, êle, sacudindo-se num terror panico, ante uma revolução vencedora, imputava a Norton os crimes que não se podiam praticar sem a sua chancela.

Mas isso que importava? O adversario era generoso; liquidaria o seu caso com uns meses de cadeia e depois vêr-se-ia. De dentro da fortaleza, receando não poder ir «*gostar dos beneficios da fortuna*» titulava de ingrato o povo o mesmo do qual diz agora: «*sabe sofrer como ninguem*».

Essa turba está passando pelo castigo de se ter revolucionado. Afonso Costa riquissimo, ao serviço de particulares, e cobrando ordenados enormes da nação, vingá-se. Por cada negocio, por cada concessão, por cada favor, por cada genuflexão à plutocracia, êle arruina, fere, esmaga, perturba, assassina, leva até à posta de cão esses que não recusaram rebelar-se. Êle bem sabe que se morre de fome, que se passam inclemencias e continua a entrincheirar-se nos «*beneficios da fortuna*» e falar nos filhos com comoção, a dizer que «*motivos poderosos e patrioticos o impedem de voltar já a Portugal*».

Esses motivos são, em primeiro lugar, o medo. É verdade. O medo.

O homem de cujo cofre saíu uma arma regicida que voltou ao seu poder e que êle guarda, aquele que na loja *Portugal*, em Paris, sabia do envio de alguém para o assassinio de Sidonio Paes, tem muito medo.

Conhece os conubios; sabe que o detestam, já, os homens capazes de matar. Veio a Portugal na sombra de um soldado estrangeiro, de Joffre, palido, alucinado, todo a curvar-se diante do patriarca, ridiculo na sua casaca, usando-a de dia, para ir arengar tolices na Batalha. Tem medo, muito medo, por isso não virá.

A segunda razão é mais logica ainda: em Paris ganha o que quer, vive como o soberano duma ilha habitada por tribus selvagens que se sustentam de carnes podres e lhe dão o apånagio duma lista civil.

Voltar a Portugal? Mas para quê, se governa de longe, se cobra, na sua residencia, o imposto de palhota?

Amanhã, quando qualquer dos magnates a quem entregou a carne de canhão, lhe perguntar porque se chegou aqui ao extremo de comer felinos e caninos, como em Paris se cosinharam ratos durante os tormentosos dias do cerco, êle, estadista — caixei:ro, bem instalado na vida, puxará da fumaça e do logro.

— Oh! é que os cães, no meu país são tenros como anhos. Costuma-se comer muitos pela Pascoa... Oh! *la bonne chair!*... sem um petiscão!...

Dentro em pouco, nos *restaurants* da moda impingir-se-hão uns guisados extravagantes sob a designação de «*chien à la portugaise*» ou «*à la mr. Alphonse Costa*». Este à «*mr. Alphonse*» será o prato predileto das mundanas em memoria da personagem de Dumas e de quem exerce funções eguaes sôbre um alfobre de infelizes: Portugal, bordel imenso onde os corpos se corcomem para pagar regiamente a quem diz aos jornalistas nacionais não poder dar a essa terra, já feitos, «*nem programas nem elixires*».

Não os tem, não. Nunca os teve mesmo. Queria uma situação de milionario. Arranjou-a com a acumulação de soberania.

E' o rei Milhão de barrete frigio, o potentado que não quer reentrar, no chavascal, no monturo que gerou, e, que ao ler a noticia do *mundo* deveria ter exclamado:

— Que porcaria! Comer cães...! Então não é melhor a *ragout de veau!* A vitelinha... Que país... E querem programas?! Eu dessa patria só posso ter o conceito, sintetico, claro unico:

«Numa terra onde os homens comem cães, é justo que haja cães que devorem homens!»

E passando a lingua pelos beiços, recostado no *maple*, atirárá fóra o jornal e mandará vir o livro de cheques sôbre o tesouro português.

